O DIÁRIO DE BORDO: CRIANDO UMA LINHA DE FUGA SOBRE UMA LINHA DE MONTAGEM

Maristela Barenco C. de Mello[1]

Resumo
Este artigo apresenta e aprofunda a importância do Diário de Bordo, na Academia, como ensaio estético autoral, possibilitando ao estudante fortalecer-se em seu espaço epistêmico, de enunciação e criação, através de registros provisórios de seu processo cognitivo relacional – suas interrogações, sínteses, suas questões, seus autores de referência, seu diálogo interdisciplinar.
Palavras-chave: Diário de Bordo. Cartografia. Epistemologia dos nexos. Aprendizado; Experiência.

Resumen
Este artículo presenta y profundiza la importancia del *Diario de Viaje* o *Bitácora*, en la Academia como ensayo estético autoral, posibilitando al estudiante fortalecerse en su espacio epistémico, de enunciación y creación a través de registros provisorios de sus procesos cognitivo-relacional –sus interrogantes, sus síntesis, sus cuestiones, sus autores de referencia, su diálogo interdisciplinar.
Palabras Clave: Diario de Viaje. Cartografía. Epistemología de los nexos. Aprendizaje. Experiencia.

1. Para início de viagem

Este texto, escrito em platôs e não em capítulos, tem como cenário o processo de democratização da Universidade, com a entrada das classes empobrecidas, por políticas educacionais inclusivas, mas que herdam o desmonte de uma educação pública. Parte da constatação de que os estudantes ingressam à Universidade com uma perspectiva ainda passiva e reprodutora da produção do conhecimento, e não como sujeitos epistêmicos, capazes de estabelecer uma relação de conexão entre o que são, experimentam e pensam com o que

[1] Doutora em Meio Ambiente. Professora Adjunta I de Filosofia da Educação no Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, da Universidade Federal Fluminense (Infes-UFF). E-mail: stelabarenco@oi.com.br

MELLO, Maristela Barenco C. de. O diário de bordo: criando uma linha de fuga sobre uma linha de montagem. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 25: nov/2015 - abril/2016, p. 192-209.

aprendem, lêem, descobrem, e os agenciamentos necessários que precisam emergir nesta conexão.

Se continuarem experimentando uma relação passiva, onde o professor ensina, apresenta autores, conceitos e proposições, oferecendo, ainda, sínteses, de forma disciplinar, o aluno permanecerá na perspectiva de "objeto" do conhecimento e não "sujeito" – ainda que isto se dê em plataformas consideradas críticas e emancipatórias.

2. A escrita como testemunha uma inteligibilidade sensível

Na perspectiva do "sujeito do conhecimento", interessa-nos não tanto as especialidades e profundidades adquiridas (saberes específicos), mas, sobretudo, uma *epistemologia dos nexos*[2] (MELLO, 2011, pp. 103-104), afim a uma perspectiva complexa (Edgar Morin) e rizomática (Gilles Deleuze e Félix Guattari) de conhecimento - que implica numa espécie de restauração de uma inteligibilidade, capaz de "ler" o mundo em suas múltiplas relações complexas e, por isso, irredutíveis, imprevisíveis, de afetos recíprocos e, por isso, éticos, produtores de novos nexos e sentidos imanentes, numa abertura a inteligibilidades sensíveis, que foram produzidas como não-existências[3]. A epistemologia dos nexos engendra uma alfabetização relacional, que busca superar a dicotomia sujeito-objeto do conhecimento e fundar uma relação *sujeito-com-sujeitos*, partindo do pressuposto que aquilo que queremos conhecer nos afeta.

Este texto me inspira a tecer uma reflexão que nos ajude a pensar os e nos entrelugares (lugares perdidos) do pensamento, das filosofias, das artes e das ciências, que perderam os seus laços e interações (MORIN, 1998, p. 14), que constituíam sua dimensão de complexidade, de uma realidade que se tece junto, e

[2] É um princípio epistemológico, plural, afim ao conceito de Santos (2009) de uma diversidade epistemológica do mundo, comprometido com a busca de conexões e nexos entre saberes, pensares e fazeres, no sentido de restituir a dimensão de complexidade da vida, em suas múltiplas aberturas e sensibilidades. São epistemologias que nos ajudam a restaurar a capacidade cognitiva de toda a vida, de perceber as inteligibilidades e sensibilidades que se manifestam nas conexões e nos nexos, não apenas de sujeitos para com objetos, mas de sujeitos-com-sujeitos, humanos e não humanos.

[3] O termo é conceito chave da sociologia de Boaventura de Sousa Santos (2004).

que se diluíram diante da consolidação de um paradigma disjuntivo, de separação, que, para Morin comandou a história do mundo e do pensamento ocidental, além de separar e isolar os objetos de seus contextos e relações (2000, p.28). Foucault (2000, p.74) irá falar do século XVII como um período onde a episteme da cultura ocidental ver-se-á afetada em suas disposições fundamentais, através do que se designou racionalismo, e que marca o desaparecimento das crenças supersticiosas ou mágicas, e que representa a entrada da natureza numa ordem científica.

3. A escrita como experiência cartográfica

> *Para dar início à viagem, não basta sair do continente. É preciso perdê-lo como referência, instância inicial em que os movimentos estariam subordinados ou pelo qual seriam determinados* (GODOY, 2008, p. 21).

O Diário de Bordo, do inglês *log book*, é uma ideia antiga, que remete aos registros de viagens. Nos filmes antigos de todos os tempos acostumamo-nos a ver os desbravadores de novas terras, pesquisadores, antropólogos, expedicionários, cientistas diversos, anotando em seus cadernos pequenos, amarelados e rústicos, as experiências-acontecimento do caminho. Embora mais presente na navegação, onde aparece como um documento, elaborado pelo comandante, de controle da viagem.

Também encontra uma analogia com os diários pessoais e certa cultura de se escrever e registrar, diariamente, o que acontecia. Ou diários de viagem, com relatos, fotos e relíquias das aventuras. Aos poucos esta ideia vem sendo transformada pela tecnologia. O *Blog* é uma forma de um *web log.* Mas apesar das formas cada vez mais versáteis e móveis dos smartphones e tablets, vemos o recrudescimento destes cadernos de anotações. São centenas de marcas, algumas mais tradicionais, produzindo todos os tipos de cadernos de mão ou bolso, decorados, pautados ou não, alguns bem caros. Recentemente foi lançado nos Estados Unidos, com enorme sucesso aqui, os chamados Cadernos *This is not book.* São uma espécie de diários de bordo, escritos em letras cursivas, com sugestões, perguntas em cada página, para serem respondidos, que deixam os

adolescentes fascinados. Depois deles, há uma série de livros com este perfil de um diário.

É disto que estamos falando em Filosofia da Educação? Enquanto prática de uma escrita e um registro pode ser que sim. Enquanto formato e proposta mercadológica, não. Muito menos proposta metodológica. Distante de qualquer metodologia, o Diário de Bordo, aqui proposto, é um instrumento de registro estético-autoral de uma experiência, em que o educando, busca permitir que o cotidiano, em seus mínimos aspectos, a maioria invisibilizados e fragmentados, fale a si, de si (FREIRE, 2011, p.13), e que nesta redescoberta do mundo, possa descobrir a si como sujeito criador.

O Diário de Bordo lança algumas provocações sobre os cadernos escolares, na forma como são concebidos tradicional e usualmente, como registros das sínteses oferecidas pelos professores, numa perspectiva disciplinar, referindo-se aos conhecimentos adquiridos em sala de aula, numa manutenção do que Larrosa chama de "a ordem do discurso pedagógico" (2014, p. 74), ordem "feita de modos de dizer e pensar (e de olhar e de escutar, e de ler e de escrever, e de fazer e de querer), sempre previstos". Neste sentido, o caderno escolar vem sendo produzido estaticamente, numa espécie de decalque das palavras e itinerários do professor. Embora cada um tenha uma capa, um modelo de linhas e se encaixem em uma faixa de preço, se formos olhar de perto, todos os cadernos escolares de uma dada turma talvez sejam iguais. Decalque das ideias do professor. Decalque de uma síntese do professor. Decalque dos sentidos de um outro. Decalque de uma perspectiva hegemônica. Os cadernos guardam minimamente um conjunto de rotas e sentidos que, sendo auferidos, mais tarde, em forma de avaliações, testemunham a favor de uma forma de ensinar – não necessariamente a favor de formas de aprender. Tal instrumento cristaliza uma certa passividade. Copiar parece ser um gesto absolutamente mecânico, ao qual se faz ouvindo música, conversando e prestando atenção em outras paisagens.

O Diário de Bordo não quer representar nada. No dizer de Freire, faria parte da categoria de materiais (e não cartilhas) que reforça seu aprendizado enquanto ato criador (FREIRE, 2011, p. 21). Seguindo uma pista de Larrosa (2014, p. 75), o

diário favorece a experiência, não um instrumento, mas uma forma de colocar-se no caminho, nas relações que só a experiência fundam, possibilitando uma interrogação, um não e um talvez, um gesto de rebeldia e invenção. Prenuncia um movimento, um empreendimento nômade. Com ele anuncia-se uma viagem, uma desinstalação, uma atividade, uma dinâmica, uma saída de território, uma experimentação. Não há nada prévio. Não se sabe ao certo onde se irá chegar. Várias visadas são acionadas. Ainda que não seja um testemunho da criação de conceitos, como pretende a filosofia de Deleuze, pode ser testemunho de novos agenciamentos, de novas conexões, de novas linguagens, de novos olhares, de diálogos inusitados entre autores de linhagens diferentes: as palavras dos outros colegas passam a ter sentido, assim como seus silêncios. Um rizoma começa a ser descoberto. O Diário de Bordo possibilita ao aluno captar os conceitos de forma dinâmica, abrindo-os a múltiplas e novas concepções, ideias, práticas. O que acontece em todo o espaço e relações na escola pode ter sentido. Mas a dimensão de uma educação como ato criador passa a ser descoberta na vida e na experiência e não apenas na escola. Então, o que acontece no caminho da escola, no trabalho, durante uma conversa... tudo isso dispara forças que despertam não propriamente um lugar epistêmico, mas, sobretudo, um estilo epistêmico: uma forma singular de conhecer em que, ao mesmo tempo, pode-se pensar o processo e o conhecimento.

E porque estamos pensando em processos e percursos e não decalque, cópia e representação, estamos falando aqui da possibilidade que um Diário de Bordo possibilita como proposta cartográfica, que é sempre construtivista e que difere do mapa porque "é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem" (ROLNIK, 1989, p.20). Cartografia que não é realista, mas construtivista, em que os conceitos não existem como ferramentas prévias para que se reconheça o mundo dado, real e estático, mas para que se produza um mundo. Possibilita uma cognição inventiva em que nunca se coleta dados, mas se inventa e produz conhecimentos. Possibilita uma relação onde o "exercício da atitude crítica em face do objeto" seja mais importante que o "discurso do educador em torno do objeto" (FREIRE, 2011, p.

21). Possibilita, enfim, focar os processos em curso, numa forma de atenção ampliada e flutuante, despida de expectativas, na imanência dos acontecimentos, em seu campo de forças, e não na reprodução dos percursos históricos e/ou planejados previamente. E o mais interessante: numa perspectiva cartográfica não há um sujeito *a priori* em busca de um objeto. Há *sujeitos-com-sujeitos*, numa relação sensível e inteligível, que se constitui concomitantemente.

A ideia de um Diário de Bordo surge, pois, inspirada, também, a partir do texto de *A menor das Ecologias*, de Ana Godoy, cuja escrita se compõe em duas grandes partes, o Continente e o Arquipélago, numa experimentação de viagem e navegação, em que a autora pretende explicitar a *menor das ecologias*, que não se faz possível à luz do Continente. Trazendo as rotas e itinerários como forças distintas dos percursos e derivas, a autora tece a crítica sobre uma *ecologia maior* que busca codificar, estabelecer pontos de partida e chegada, assim como determinar percursos entre um e outro, tal como se constituiu a "ordem do discurso pedagógico".

A ideia de um Diário de Bordo surge como este acompanhante-testemunha de uma experiência-viagem que não pretende inaugurar pontos de partida e nem estabelecer pontos de chegada. Viagem rizomática, cuja intensidade se dá sempre no meio, entre as coisas, entrelugares (DELEUZE E GUATTARI, 2004), nas intensidades dos acontecimentos. São registros dos acontecimentos.

Diário de Bordo como forma de testemunhar a liberação dos afetos que, enquanto capturados, interditam a vida como vontade de potência (GODOY, 2008). Caderno de anotações sobre a descoberta da vida como multiplicidades e rizomas. Diário-testemunha de um processo de singularização, de novas formas de enunciação, enfim, de formas de invenção e produção, de si e da vida, da liberação de forças que, quando se combinam com outras, podem inventar novos e outros pensares e fazeres porque traçam linhas de fuga para fora dos territórios de saber e de poder.

Como um empreendimento nômade, a pesquisa cartográfica não determina itinerários, nem lugares, nem espaços. Estimula-se a abertura, em forma de linhas

de fuga, para fora dos territórios das formas de se aprender, numa reterritorialização sempre nômade, numa condição permanente de inabitação.

Esta é a parte mais difícil para os estudantes, que nunca foram sensibilizados na arte de singularizar os seus processos, na arte de produzir seus próprios registros, a arte de produzir e produzir-se esteticamente. Nos primeiros dias são muitas as perguntas-inquietações-perturbações: Como deve ser este diário? Como deve ser sua forma? Precisa comprar um caderno ou se pode fazer? Pode-se colar figuras? É preciso colocar a data? É preciso entregar? Isto que você está escrevendo é para colocar no diário? Você tem um diário de modelo para nos mostrar? Enfim, a experiência de ausência de um território conhecido como "caderno escolar" adquire contornos desconfortantes consideráveis. A todo tempo as perguntas sondam, aflitas, pistas de itinerários territorializantes, prescrições mínimas, modos de fazer, qualquer passo a passo mínimo. Por isso que, nos primeiros tempos, os diários de bordo precisam ser estimulados como ideias. Qualquer exemplo pode sugerir decalques. O *insight* parece acontecer no final do processo de produção: "Ah, eu poderia ter feito assim"... "Se pudesse fazer de novo, faria totalmente diferente"... "Nossa, no início não gostei e achei difícil. Agora estou amando"...

Com o Diário de Bordo há a possibilidade de nascimento de um pensador autônomo.

4. Escrita: linha de montagem ou linha de fuga?

São muitos, inúmeros e constantes os esforços criativos para fazer da Educação um processo emancipador. Maturana (2005, p. 29) nos dirá o quanto isto é difícil, seja porque a educação, como sistema de formação contínuo, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente, seja porque este sistema torna a comunidade humana e o mundo espontaneamente conservadores.

Muitas são as questões que se agenciam nesta reflexão. Como olvidar que a Educação Moderna surge como um projeto de formação universal e massificante de sujeitos e cidadãos para atender uma determinada forma de ser Estado? Como desconhecer estas duas forças – a universalização que aspira ensinar a todos e a

massificação que aspira ensinar tudo –, que atravessam os pensares e fazeres da Educação Moderna? (GALLO, 2007, pp. 289-292) Assim, nesta grande linha de montagem, chamada Escola, todas as engrenagens se relacionam tendo como objetivo uma mesma finalidade: produzir em série formas de subjetivação que fazem repetir uma forma de estar no mundo.

Mesmo quando inspirados em tantos autores críticos do modelo educacional, grande parte das vezes não temos consciência do quanto desmontamos algumas engrenagens, mas nos apoiamos, concomitantemente, em outras, mantendo desta forma, subrepticiamente, a lógica hegemônica da Escola, como a grande máquina de repetição, de seriação, de formação de minorias. Muitos são os exemplos: estabelecemos uma relação mais horizontal entre professores e alunos, mas não abrimos mão das provas como instrumentos ora coercitivos ora arbitrários, que têm como objetivo avaliar o que ensinamos, mais do que aquilo que os alunos aprendem, e que escapa a qualquer aprendizagem; questionamos as formas de seriação e disciplinarização, mas não nos abrimos a uma experiência interdisciplinar com os demais colegas, professores; quaisquer que sejam as tentativas, vemo-nos sempre e mais uma vez capturados pelas diretrizes da grande máquina escolar, projeto falido da Modernidade, como no clássico desenho de Francesco Tonucci (1970), onde fica sempre clara a relação entre os muitos que entram, os poucos que saem, e o grande número de evadidos e fracassados, que são os resíduos indesejáveis ao processo.

Talvez não tenhamos ainda consciência do quanto, em Educação, também, somos e fomos produzidos em nossas formas de subjetivação, não ao nível apenas ideológico, como dirão Guattari e Rolnik, de uma representação, mas na esfera de uma modelização, o que significa dizer que tais formas perpassam o coração das pessoas, no sentido de condicionar a sua maneira de perceber o mundo e suas relações e de atuar também neste mundo, sua sensibilidade e comportamentos. Tais autores postulam que é preciso adentrar o campo da economia subjetiva e não mais restringir-se ao da economia política (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 33). O que querem dizer é que não é possível pensar nos problemas dos campos sociais sem, a um só tempo, pensarmos em nossos processos de pensamento,

porque "todos os fenômenos importantes da atualidade envolvem dimensões de desejo e da subjetividade" (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 28).

É nesta perspectiva que podemos entender Gallo, quando diz que a escola "como máquina de produção de subjetividade produz identidades, identidades que se repetem, identidades que se reproduzem, identidades que, mesmo diferentes, retornam ao mesmo" (GALLO, 2007, 297). De fato, se a Educação é um processo tão antigo e tão universal, por que vivemos numa sociedade atravessada por tantas crises paradigmáticas, que sempre retorna ao mesmo?

A proposta de um Diário de Bordo nasce deste desejo de romper com mais uma engrenagem da linha de montagem, que se exemplifica numa pergunta coletiva que ecoa em todas as salas de aula: "Professor, isto é para copiar?" Em outras palavras, estamos na hora de romper com a fixação e repetição do lugar epistêmico do outro, no caso, o professor, de sua lógica, com seus sentidos e suas paragens, com um percurso de pensamento, de sensibilidade e estética, com a seletividade de alguns autores e suas formas de subjetivar, enfim, com a fixação de sentidos, de ensinamentos... tudo isso sempre planejado previamente, delimitando marcos zero e pontos de partida, mirando pontos de chegada e desperdiçando processos de extrema riqueza que acontecem no cotidiano das salas de aula e fora delas.

5. A escrita como multiplicidade

A proposta de um diário não pretende retornar à ideia de que as enunciações são individuais, expressões de uma subjetividade, de um autor. Não queremos passar aos estudantes a ideia de que, soberanos, achegam-se a uma realidade que está lá, pronta, e que precisa ser decalcada e descrita em forma de palavra, ainda que seja criativa.

O que se escreve não pertence a quem o escreve, até porque dentro da escrita existem vários autores, inúmeros agenciamentos, conexões infinitas de platôs, grande parte das vezes 'convertidos' - a ferro e fogo, e a longos anos de

prática disciplinar -, para uma lógica arborescente, genealógica. O que se escreve também não é de quem o lê, mas é de todos os que o lêem e o relêem, aqueles que sentem suas ideias funcionarem em conexão com aquelas. Por fim, o que se escreve também não significa uma fotografia estática de alguma realidade. Como dizem Deleuze e Guattari, um livro "(...) não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes. Desde que se atribui um livro a um sujeito, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações (...)" (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 11). Por isso, compartilhamos das primeiras palavras de Deleuze e Guattari, ao se referirem à elaboração do texto intitulado Rizoma: "Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante" (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 11).

O ato de escrever é sempre um agenciamento com um fora, é saída de território, é devir, é um ponto de fuga que permite uma desterritorialização, um agenciamento em conexão com tantos outros, imprevisíveis: "Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir" (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 13). Por ser um agenciamento, um livro é sempre inatribuível (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 12). Dizendo de outra maneira, toda autoria é múltipla. Um autor, apenas agenciador, é sempre "muitos". Para os autores, as subjetivações são "processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades" (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 8).

Uma das ideias que tais autores desconstroem é a de que um livro seja um todo orgânico, pleno de significados, expressão de uma subjetividade (atribuível a um indivíduo), e referente a um objeto, cópia e imagem do mundo (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 13). Dirão Deleuze e Guattari que "(...) as multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito" (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 8). Perdem o estatuto de totalidades, valem por seus percursos e fluxos, pelas suas relações (devires), pela sua literalidade e imanência, pelos seus graus de desterritorialização, pela intensidade que adquirem, e que nunca ocorrem de forma prévia, linear e de acordo como modelos preestabelecidos. No dizer simples de

Paulo Freire, seria o registro deste ou aquele aspecto (2011, p. 13). Por isso uma escrita não deve ser questionada em relação ao seu significado ou significante, mas em relação a suas conexões e seu funcionamento, em que multiplicidade ela se introduz e transforma a sua... (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 12).

Zourabichvili nos adverte para que não nos iludamos "com o jogo aparentemente gratuito ao qual convida o método do rizoma, como se se tratasse de praticar cegamente qualquer colagem para obter arte ou filosofia, ou como se toda diferença fosse *a priori,* fecunda, segundo uma *doxa* difundida. (...) Mas o rizoma é tão benevolente quanto seletivo: ele tem a crueldade do real, e só cresce onde efeitos determinados têm lugar (ZOURABICHVILI, 2004, p. 98).

O que queremos é fomentar a experiência estética de se enunciar como multiplicidades, de perceber os acontecimentos como rizomas e de buscar registrar percursos e itinerários singulares, com palavras próprias, com novos agenciamentos, com outros sentidos, com aprendizados autônomos, conexões inusitadas... Tal experiência estética constitui uma rica prática de filosofia da educação.

6. Uma experiência estética: a vida como obra de arte

Uma estudante adorou a ideia e trouxe, no próximo dia, um caderno que se fazia inaugurar por sua barriga de gravidez, à mostra. Um estudante trouxe um caderno bonito, estampado, que se fecha com um elástico, e falou das músicas preferidas que gosta de ouvir, repetidas vezes. Outra estudante cortou, ela mesma, os rostos dos filósofos e fez uma capa de seu diário com esta montagem. Outra, retratista, desenhou cada aluno da turma, ao lado dos filósofos. Já o rapaz escolheu um pequenino bloco, destes muito baratos que se compram em papelarias. A estudante da noite, mãe de uma menina, disse que sua filha também decidiu fazer um Diário de Bordo para si. Outra estudante, que trabalha numa Escola, levou a ideia para seus alunos: todos irão confeccionar os diários de bordo... Uma aluna adora tirar fotografias e se entusiasmou por esta forma de linguagem. Outra, muito sensível, mora numa região rural, cuida de uma mãe

doente e de um irmão com depressão e sua atividade preferida é sentar no fundo do quintal para escrever poesia. Diz ter dificuldades em conciliar sua escrita poética com os textos marxistas que precisa se ocupar... Quer escrever mais e mais poesias. Perguntei-lhe: "como deve ser inventar um mundo inventando palavras e suas relações?"

Coloridos ou não, com fotografias, imagens, desenhos, palavras, poesias, grandes ou pequenos, gordos ou magros, tais diários inauguram exercícios de singularidade, de proposição de estilo, experiências estéticas que se referem mais à existência do que à criação de diários e suas escritas. O que são os diários, neste contexto? Testemunhas, testemunhas cúmplices e companheiras de um processo de constituir-se a si mesmo, mesmo que, inicialmente a forma predomine à ideia, ao campo de forças, ao processo. No entanto, esta primeira interação cede espaço à passividade; a criação, por mínima que seja, cede lugar à cópia, e uma nova força de pensar vai ganhando experiência, a tal ponto do estudante me dizer: "suas aulas são difíceis, mas sabe que estão me ajudando em todas as outras e na leitura dos outros textos?"

É Nietzsche quem procurou situar a vida em um horizonte estético, afirmativo, de potência. Em sua estética da existência é a vida que se constitui como obra de arte, antes mesmo que qualquer obra. A arte desponta neste processo existencial como desafio, que implica tomar posse dela para inventar a própria existência. Em *A Gaia Ciência, §* 107, nos diz: "Por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós um tal fenômeno". É uma arte que não cura, não acalma, não sublima, não compensa, não 'suspende' o desejo, o instinto e a vontade. É uma arte que estimula a vontade de potência, que se faz a partir de um "gozo de si" e não de um "aborrecimento de si" (NIETZSCHE, 1978, p. 134 – Humano, demasiadamente humano §169), de "abundância de vida" e não "empobrecimento da vida" (NIETZSCHE, 1978, p. 220 – A Gaia Ciência § 370), de um "supérfluo" que se torna criativo e não de uma "fome" (NIETZSCHE, 1978, p. 220 – A Gaia Ciência § 370).

Na perspectiva estética, Nietzsche propõe a vida como um exercício de estilo, através da fórmula que se repete "tornar-se quem se é", que não significa

voltar a uma essência, mas a "capacidade de ser, a cada momento, aquele que nos tornamos" (ROCHA, 2004, p. 292-293), (...) "tornar-se a pessoa para quem aquelas circunstâncias são favoráveis, e aquele momento, oportuno" (ROCHA, 2004, p. 296). O estilo seria é esta unidade provisória que reúne a multiplicidade que somos. Ele vai despontando neste diálogo e que nos faz potentes:

> Dar estilo a seu caráter – arte grande e rara! É praticada por aquele que avista tudo que a sua natureza tem de forças e fraquezas e o ajusta a um *plano artístico*¸ até que cada uma delas aparece como arte e razão, e também a fraqueza delicie o olhar [...] quando a obra está consumada, torna-se evidente como foi a coação *de um mesmo gosto* que predominou e deu forma, nas coisas pequenas como nas grandes; se o gosto era bom ou ruim não é algo tão importante quanto se pensa – *o essencial é que o gosto seja um* (Nietzsche, *Crepúsculo dos ídolos,* "Os quatro grandes erros": § 2 apud Rocha, 2004, p. 296).

Assim, no dizer de Nietzsche, "dar estilo ao caráter" equivaleria oferecer uma unidade à multiplicidade. O estilo seria este aspecto reunificador, *a posteriori* da imanência dos encontros, das circunstâncias numa configuração provisória denominada 'eu'.

O Diário de Bordo constitui um dispositivo de força a este exercício de estilo e a um fazer-se como obra de arte no processo educativo, possibilitando a liberação de fluxos desejantes e afetos, antes capturados pelos processos maquínicos de repetição e controle.

Ser a cada momento aquele que nos tornamos, assumir a realidade que nos torna diferentes e múltiplos, permanecer na imanência dos encontros e acontecimentos, enfrentar a dor da existência com alegria, fazer da vida um exercício de estilo, ter a coragem de se inventar, a cada momento, num plano artístico – tudo isso significa fazer da vida uma obra de arte e inventá-la, como afirmação, a partir de um querer-artista. O Diário de Bordo? Apenas uma testemunha, uma doce testemunha, a experiência que pode possibilitar tal processo.

7. Literatura e filosofia: um devir criança

Nem sempre nossos processos de alfabetização são como os que Paulo Freire descreve no texto *A Importância do Ato de Ler*, referindo-se ao seu processo, onde a leitura do mundo precedeu à leitura da palavra e onde esta "fluía naturalmente da *leitura* do mundo" (FREIRE, 1985, p. 16). Os processos de alfabetização são, muitas vezes, sobreposições ao mundo pré-escolar e os encontros entre ambos podem ser traumáticos. Uma criança morre para que um estudante nasça.

Há uma filosofia que possibilita outro lugar para a escrita, inspirada em um *devir criança*. Assim nos diz Deleuze:

> (...) Há um devir criança, mas que não é a infância dele. Ele se torna criança, mas não é a infância dele, nem de mais ninguém. É a infância do mundo. (...) A tarefa é outra: tornar-se criança através do ato de escrever, ir em direção à infância do mundo e restaurar esta infância. Eis as tarefas da Literatura (DELEUZE, G., **L' Abécedáire de Gilles Deleuze.** E – Enfance, 1997).

Kohan (2007, p.332) descreve esta perspectiva como a capacidade de "recuperar a infância no ato de escrever": "significa afirmar a experiência, a novidade, a diferença, o não-determinado, o não-previsto e imprevisível, o impensado e o impensável na escrita; significa inventar as palavras, a forma encontrá-las e de elas se encontrarem (...)". Novas formas de encontrar as palavras e de elas se encontrarem não têm a ver apenas com a arte e a forma de se escrever, mas, sobretudo, com a arte e a forma de se pensar, de estabelecer nexos e de conectar ideias, conceitos e experiências que foram, a partir do século XVII, separados.

Quando se suspende os mecanismos de controle, quando se busca iniciar o desmonte das linhas de montagem, estimular linhas de fuga, o que fica? A sensação de nada. Deste nada é que existe uma singularização como possibilidade. Talvez nasçam escritores, visionários, que nos façam pensar e que, mais do que

contar sua história, sejam capazes de inventar um mundo... finalidade da literatura para Deleuze.

Deleuze (2004) postula que *a* grande literatura e a grande filosofia têm em comum o fato de ambas *testemunharem em favor da vida*: filósofos e literatos estão no mesmo ponto. Há coisas que se conseguem ver e das quais não se consegue voltar. Ambos viram alguma coisa grande demais para eles. Eram visionários. Viram algo grande demais e não foram capazes de suportá-lo. Deixou-os arrasados. Por isso existem literatas com saúde fraca.

O que se escreve, neste sentido, não tem importância como expressão de um universo particular e do pronome possessivo "meu" – para ele aspectos insignificantes e de *natureza desagradável*, que evidenciam uma *literatura barata*, dos *best-sellers* -, mas como forma de *mostrar a vida*, *testemunhar em favor da vida (*DELEUZE, L' Abécedáire de Gilles Deleuze. E – Enfance, 1997), *inventar um povo renegado*, acessar uma dimensão que é comum a uma coletividade, mergulhar na extrema riqueza dos *artigos indefinidos*. Para ele a Literatura foi tão importante: "Eu fui transformado, absolutamente transformado" (Deleuze, L' Abécedáire de Gilles Deleuze. L – Littérature, 1997), diz, referindo-se às suas primeiras descobertas literárias. Mas não é esse o motivo que o faz escrever, pois, para ele, não se escreve com as próprias lembranças: "Os escritores autênticos são visionários e criadores; produzem textos e criam personagens que nos fazem pensar: (...) os grandes personagens da Literatura são grandes pensadores." Escreve-se algo da vida que passa em nós. Eis o desafio do Diário de Bordo: produzir textos e criar personagens que façam pensar, e que nos faça, a nós mesmo, nos pensar.

8. Por escritas inventadas e provisórias

"Tudo o que não invento é falso", brinda-nos Manoel de Barros, o poeta das memórias inventadas. Há um modelo de educação que nos imobiliza: aquele que nos faz repetir palavras, para conservar modelos e perpetuar teorias. A experiência do Diário de Bordo é uma possibilidade de sairmos desta zona de

imobilidade. Testemunho de uma viagem. Registro de acontecimentos. Empreendimento nômade. Linha de Fuga. Experiência cartográfica. Ensaio estético-autoral. Processo de singularização. Exercício de um ato criador. Experiência emancipatória. Agenciamento de multiplicidades. Invenção de um lugar epistêmico. Vivência transdisciplinar. Ensaio estético. Devir criança. Perspectiva do aprendizado. Todas e tantas outras são a possibilidade que um Diário de Bordo pode possibilitar numa perspectiva de Filosofia da Educação.

Importante que ele não se aspire metodologia, método, cartilha. Mas apenas uma possibilidade, entre muitas outras, de reencontro com uma escrita que não é apenas forma de expressão, mas modo de ser, de pensar, de dizer, de fazer. Possibilidade sempre provisória, na perspectiva da poetisa goiana Cora Coralina (1995, p. 188):

Tanto papel escrito, tanta coisa inútil.
Se tudo já foi dito, o que ficou para mim?
A palavra nova...
Como será?
Mesmo nova será nascida de um arcaísmo.
Neste livro, o que terá valor?
O que ficou sem escrever.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas.** A Terceira Infância. São Paulo: Planeta do Brasil Ltda, 2008.

CORALINA, Cora. **Vintém de Cobre:** Meias Confissões de Aninha. São Paulo: Global Editora, 1995.

DELEUZE, Gilles. **L' Abécedáire de Gilles Deleuze.** L - Littérature. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação. "TV Escola", 2001.

_____. **L' Abécedáire de Gilles Deleuze.** E - Enfance. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação. "TV Escola", 2001.

_____. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. (2004). **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2004.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas.** Uma Arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. Em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora / Editora Autores Associados, 1985.

_____. **Cartas à Guiné-Bissau.** Registros de uma experiência em processo. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação voltada à singularidade: entre Nietzsche e Deleuze, In: LINS, Daniel (Org.). **Nietzsche / Deleuze: Imagem, Literatura e Educação.** Simpósio Internacional de Filosofia. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007, pp. 288-302.

GODOY, Ana. **A menor das Ecologias.** São Paulo: Edusp, 2008.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica.** Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

KOHAN, Walter Omar. Imagens da Infância. In: LINS, Daniel (Org.). **Nietzsche / Deleuze: Imagem, Literatura e Educação.** Simpósio Internacional de Filosofia. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007, pp. 324-337.

LARROSA, Jorge. **Tremores.** Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

MORIN, Edgar. Complexidade e Ética da Solidariedade. In: CARVALHO, Edgard de Assis (Org.). **Ética, Solidariedade e Complexidade**. São Paulo: Palas Athena, 1998, pp. 14-23.

MORIN, Edgar; MOIGNE, Jean-Louis. **A Inteligência da Complexidade.** Série Nova Consciência. Petrópolis: Vozes, 2000.

MELLO, Maristela Barenco Corrêa de. **Uma Educação Ambiental como Estética da Existência e Epistemologia dos Nexos.** A experiência sócio-educativa do Projeto Florescer. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras Completas.** Seleção de Textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ROCHA, Sílvia Pimenta Velloso. Tornar-se quem se é – a vida como exercício de estilo. In: LINS, Daniel (Org.). **Nietzsche / Deleuze: Arte, Resistência**. Simpósio Internacional de Filosofia 2004. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007, pp. 292-303.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.).

Conhecimento prudente para uma vida decente. 'Um discurso sobre as ciências' revisitado. São Paulo: Cortez Editora, 2004, pp. 777-821.

SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Série Conhecimento e Instituições. Coimbra: Edições Almedina AS, 2009.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.